

Dr. Robert A. Peterson, A obra salvadora de Cristo, Sessão 2, Introdução, Parte 2, Método teológico, Livros-chave, Sondagens bíblicas, Isaías 53

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão número dois, Introdução, Parte Dois, Método Teológico, Livros-Chave, Sondagens Bíblicas, Isaías 53.

Continuamos nossas palestras sobre a Obra Salvadora de Cristo voltando nossa atenção agora para o Método Teológico.

Pensamos sobre o enredo bíblico e a salvação planejada, realizada, aplicada e consumada. Método Teológico, é bom pensar sobre como estudamos as escrituras para entender seus ensinamentos. A famosa passagem de inspiração em 2 Timóteo 3 diz que toda escritura é inspirada por Deus e é proveitosa para o ensino, a repreensão, a correção e a instrução na justiça.

Eu tomo isso como uma garantia bíblica para estudar a Bíblia para entender seus ensinamentos ou doutrina, e é bom pensar sobre por que fazemos o que fazemos. O Método Teológico, parece-me, envolve exegese, teologia bíblica e teologia histórica, todas levando ao objetivo da teologia sistemática e até mesmo seus frutos em diferentes disciplinas teológicas práticas. O Método Teológico começa com a exegese.

A base de toda boa teologia é entender o significado das passagens bíblicas, começando com a intenção do autor bíblico através do texto. Ao estudar uma passagem, devemos observar um gênero literário específico, narrativa, provérbio, parábola, evangelho, carta, etc., e considerar estratégias literárias apropriadas ao gênero. O contexto literário também é crítico, pois a colocação de qualquer passagem nos auxilia a interpretar o que o autor bíblico quer dizer.

O significado de uma palavra frequentemente emerge através do estudo dela em suas frases, cláusulas e sentenças circundantes. O significado de uma sentença aparece em seus parágrafos ou cenas, e o significado de uma cena surge nos episódios circundantes, seções ou livro geral. O cenário histórico também é formativo porque conhecer a ocasião do texto, os destinatários, o autor e o contexto da igreja promove uma boa interpretação.

O fundamento do Método Teológico é a exegese. Lamento a diminuição do ensino de línguas bíblicas não apenas em escolas liberais, mas também entre aqueles que dizem acreditar na inspiração verbal da Bíblia. Temo que Lutero estivesse certo.

Se não nos apegarmos às línguas bíblicas, perderemos o evangelho. Teologia Bíblica Em última análise, o contexto de cada passagem bíblica não é apenas seu livro específico, mas também o cânon inteiro, que coloca os textos bíblicos no plano de Deus em desenvolvimento que se move, como já dissemos, da criação e da queda para a redenção e a nova criação. Este enredo bíblico enquadra, ordena e conecta as doutrinas.

Além disso, culmina na pessoa e obra de Cristo, que distingue o que vem antes e depois dos Evangelhos. É sensato, portanto, localizarmos passagens dentro do enredo bíblico e também relacioná-las a outras passagens sobre o assunto. Buscamos como a história da Bíblia se desenvolve por meio das alianças bíblicas no Antigo Testamento, na Lei, Profetas e Escritos, bem como no Novo Testamento, no alvorecer da nova aliança nos Evangelhos, Atos, Epístolas e Apocalipse.

Nossa atenção deve ser dada não apenas às doutrinas específicas que estamos estudando, mas também aos temas centrais de cada livro da Bíblia e aos temas centrais por toda a Bíblia – aliança, reino, expiação, glória, amor, santidade, etc. Isso nos permitirá ver as conexões da doutrina que está sendo estudada com esses outros temas principais, o que nos permitirá entender e sintetizar o ensino em seus relacionamentos, em proporção e à luz de Cristo. Assim, a boa teologia é fundamentada na exegese bíblica e enraizada na teologia bíblica.

Também envolve teologia histórica, embora agora não estejamos mais em uma linha reta. A teologia bíblica se baseia na exegese, e se estivéssemos diagramando isso, traríamos a teologia histórica do Norte porque ela não flui da teologia bíblica da mesma forma que a teologia bíblica flui da exegese. No entanto, nossa tendência pode ser ler a Bíblia individualisticamente, lendo-a em particular para aprender sobre Deus e como segui-lo melhor pessoalmente.

Embora isso seja útil, também devemos considerar a centralidade da Igreja para o processo interpretativo. A Igreja tem sido a intérprete histórica das Escrituras. Embora os ensinamentos e credos históricos da Igreja não sejam autoritativos sobre os crentes da mesma forma que as Escrituras sozinhas, Scriptura, um dos gritos de guerra da Reforma, significa, no meu entendimento como teólogo, que nós deliberada e consistentemente subordinamos tudo às Escrituras.

Se pensarmos um pouco, todos nós usamos nossa experiência, certamente nossa razão, e espero que alguma tradição ao interpretar a Bíblia, mas sola Scriptura, empregando somente a Bíblia como a autoridade máxima, sola Scriptura significa subordinar deliberada e consistentemente nossa experiência, razão e tradição à

Sagrada Escritura. Somente a Escritura é autoritativa sobre abordagens modernas e pós-modernas para interpretações, que às vezes destacaram o intérprete individual, comunidades modernas ou contemporâneas de leitores, pós-modernas, às custas dos ensinamentos históricos da Igreja. Não somos os primeiros a ler a Bíblia, mas estamos na corrente do povo de Deus ao longo dos séculos e podemos aprender muito com os principais pensadores da história da Igreja.

Por exemplo, Atanásio, Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino, John Owen, Jonathan Edwards, John Wesley, etc. Devemos divergir da corrente histórica de pensamento da Igreja com grande hesitação e somente quando completamente convencidos pela Sagrada Escritura ou razão evidente. Devemos também ler a Escritura no contexto de nossa atual comunidade da Igreja, percebendo que a Escritura guia nossa vida junto com outros crentes.

Assim, uma boa teologia é feita por, com e para a Igreja, com respeito aos ensinamentos históricos da Igreja e na vida em conjunto. A teologia sistemática, assim a exegese produz, nos ajuda a entender a teologia bíblica, a história da revelação especial como Gerhardus Vos a definiu. E a teologia histórica não flui da teologia bíblica da mesma forma que a teologia bíblica flui da exegese.

No entanto, ele entra em uma tangente porque certamente queremos aprender com os prós e contras daqueles que nos precederam. Com base em nosso trabalho em exegese, teologia bíblica e teologia histórica, nos movemos em direção a uma síntese teológica. Buscamos incorporar temas bíblicos primários, abordar tópicos teológicos centrais e mostrar prioridades e inter-relações entre as doutrinas.

Tal teologia é melhor organizada e comunicada à luz do enredo bíblico. Também desejamos expressar nossa teologia de uma forma que seja contextual, clara e benéfica para os outros. Eu poderia acrescentar teologia prática aqui, exegese, teologia bíblica, teologia histórica e teologia sistemática, que é, em última análise, o que estamos buscando nesta série de palestras.

No final, teremos uma teologia sistemática da obra salvadora de Cristo. Mas chegar lá nos levará tempo e esforço, e vale a pena ambas as coisas para entender o ensino das escrituras e, em uma palestra que será realizada em breve, a maneira como a Igreja tentou entender a obra salvadora de Cristo ao longo dos séculos. Na verdade, minha pequena grade é muito simples porque nenhuma dessas coisas é feita isoladamente.

Isto é, nossa exegese é influenciada por nossa teologia sistemática, e não é nenhuma surpresa para mim que os seminários reformados e evangélicos, estou falando de teologia histórica, agora que eles têm cursos sobre figuras como Calvino, Jonathan Edwards, talvez John Owen, e seminários arminianos e evangélicos têm muitos cursos sobre Wesley e assim por diante. Isso não é uma surpresa. CS Lewis, embora

pudesse ser em qualquer seminário porque ele era um grande apologista, por suas inclinações teológicas, que eram decididamente arminianas, eu o vi no currículo de seminários arminianos mais do que nos seminários reformados a esse respeito.

Tendo pensado um pouco sobre o enredo bíblico e a salvação em um panorama e então, pelo menos de forma superficial, olhando para o método teológico, gostaria de compartilhar com vocês brevemente alguns dos livros-chave que achei mais úteis em, bem, deixe-me ver, mais de 40 anos de estudo da doutrina da expiação. Minha dissertação, bem, antes de tudo, meus exames e a mudança do seminário para os estudos de doutorado foram um alívio dessa forma. Em vez de testes de idioma frequentes e outras coisas, nenhum teste por dois anos inteiros nos quais você fez exames de idioma, aprendendo, demonstrando, lendo conhecimento de francês e alemão modernos do meu próprio diploma de teologia histórica, além de cursos nos quais você escreveu artigos e participou da aula, mas nenhum teste, no final do qual você então teve testes como nunca teve antes em sua vida.

Eles são chamados de exames abrangentes. No meu programa de graduação, PhD na Graduate School of Drew University em Madison, Nova Jersey, havia quatro exames distribuídos em duas semanas, então você faz um no primeiro dia, um no último dia, um aqui, um aqui, e você tenta dormir e comer entre eles e não ficar muito rabugento com seus amigos. Meu período foi o período patrístico, os pais da igreja, antes do período medieval.

Tivemos que escolher duas figuras fora do nosso período. Escolhi Emil Brunner, um teólogo neo-ortodoxo cujo livro está na verdade na minha lista aqui. Vou falar sobre seu famoso livro, *The Mediator*.

Calvino era minha outra figura, e então tínhamos que escolher um problema ou doutrina. Peguei a doutrina da expiação, e isso me lançou em uma carreira de ensino de teologia sistemática, usando essa teologia histórica como pano de fundo. Meu diploma de seminário era realmente forte em exegese bíblica, que eu valorizo acima de tudo, mas coloquei isso em bom uso junto com o pano de fundo de teologia histórica no ensino de sistemática por 35 anos em duas escolas evangélicas, escolas de pós-graduação e seminários.

Minha dissertação então foi sobre a compreensão de Calvino sobre a obra de Cristo. Livros-chave, *The Mediator*, de Emil Brunner. Brunner, junto com Barth, foram talvez os teólogos neo-ortodoxos mais famosos.

Barth era muito mais famoso que Brunner, e, claro, eles tiveram sua famosa briga em que Barth atacou Brunner, e realmente foi uma questão de ele ser descuidado em sua linguagem, e Brunner foi ferido e talvez machucado pelo resto de sua vida por aquele a quem ele chamou maldosamente, entre aspas, o ditador teológico da

Alemanha. É uma referência a Hitler e uma referência terrível, mas eu entendo. Ambos eram talentosos.

Eles eram neo-ortodoxos? Sim, em certo sentido eles corrigiram muitas falhas do antigo liberalismo. Havia uma visão da Bíblia que os cristãos evangélicos? Não, embora o uso da Bíblia por Barth fosse bom, nenhum dos dois confessaria algo como uma errância, e, infelizmente, Brunner permitiu que a crítica liberal destrutiva da Bíblia tirasse mais das escrituras do que Calvino. Então Barth o fez, embora ambos negassem a queda histórica.

Você diz, eles consideravam as pessoas como pecadoras, incluindo eles mesmos? Sim. Lendo Emil Brunner, quando digo que ele acreditava em Jesus como seu Senhor e Salvador, sim. Isso faz sua epistemologia soar? Não, e estou indo longe demais.

O livro *The Mediator*, de Emil Brunner, é realmente um bom livro. Ele apresenta Cristo em sua obra salvadora principalmente como um substituto penal, o que é um trabalho realmente bom e sólido em uma época em que isso era realmente necessário para ser transmitido por um teólogo mundialmente respeitado, Emil Brunner, *The Mediator*. Gustav Alain, um estudioso sueco, escreveu o famoso livro *Christus Victor*, e ele aparece em nossa pesquisa sobre as visões históricas da obra de Cristo.

Mas direi agora que é um livro notável. Não conheço muitos livros cujos títulos se tornaram uma nomenclatura para a teologia, mas falamos sobre como a visão de *Christus Victor* sobre a expiação. Ele tentou seguir um caminho intermediário entre a teoria da influência moral liberal, que dizia que Jesus não morreu principalmente para fazer expiação, mas para mudar nossos corações, e a teoria conservadora da substituição penal, que dizia que Jesus morreu para pagar a penalidade por nossos pecados.

Ele enfatizou Cristo como o grande vencedor que venceu nossos inimigos, especialmente os poderes malignos, e libertou seu povo. Darei uma avaliação detalhada elogiando-o de muitas maneiras, criticando-o de algumas outras maneiras onde ele precisa de crítica, mas *Christus Victor de Gustav Alain* foi uma obra muito, muito importante. Em preparação para meu exame de doutorado sobre a história da doutrina da expiação, fui responsável por conhecer cada figura e período histórico significativo.

Ainda tínhamos permissão naquela época; tornou-se ilegal até mesmo na época em que me formei, mas tínhamos permissão para olhar exames anteriores para ter ideias. Cada exame de doutorado sobre a obra de Cristo tinha uma questão sobre um livro, e esse era *Christus Victor, de Gustav Alain*. Então foi por isso que aprendi aquele livro muito bem.

No final, ele não é conservador, e suas propensões luteranas o fizeram menosprezar o Antigo Testamento, mas ele vê um bom tema: Cristo, o vencedor, o campeão. É bíblico. Tanto liberais quanto conservadores o negligenciaram, mas então ele exagera e o lê nos Padres da Igreja onde está lá e em Lutero onde está lá, mas o pensamento de Lutero é dividido igualmente entre Christus Victor e a substituição penal, e Alain só vê o primeiro.

E, além disso, ele faz a mesma coisa com a Bíblia. Sim, Hebreus 2:15 ensina Cristo como nosso campeão, mas não, esse não é o tema principal da Obra Salvadora de Cristo em Hebreus. A boa tristeza é certamente o motivo sacrificial pelo qual Hebreus é justamente mais famoso.

Leon Morris, o estudioso australiano do Novo Testamento, é um homem maravilhoso e piedoso. Uma pequena anedota que ouvi uma vez foi que ele aprendeu grego do Novo Testamento sozinho enquanto sua esposa dirigia o carro. Não sei para onde eles estavam indo na Austrália, mas é um país grande.

Ele aprendeu grego sozinho enquanto sua esposa dirigia o carro. De qualquer forma, ele fez grandes contribuições em estudos bíblicos com comentários sobre vários livros da Bíblia e alguns muito úteis, eu acho, de seu comentário sobre João, por exemplo. Ele fez muito mais do que isso, mas também sobre a doutrina da expiação.

Seu livro, *The Apostolic Preaching of the Cross*, é justamente famoso por seu tratamento das palavras bíblicas de salvação. Você sabe, muitas vezes, estudos baseados em palavras se tornam distorcidos, mas não com ele. Ele estudou coisas como o Cordeiro de Deus, Redenção, Reconciliação e dois capítulos sobre propiciação porque estava sob ataque, sobre o qual falaremos talvez na próxima palestra.

Não, mais adiante neste, eu pensaria, quando falamos sobre tomar sondagens bíblicas, porque isso impacta Romanos 3:25 e 26 tremendamente. De qualquer forma, Morris defendeu a visão tradicional, a visão da Reforma, da propiciação. Simplesmente um livro maravilhoso.

Sacrifício, Jesus Nosso Sacerdote. Ele também escreveu *The Cross in the New Testament*, que, em vez de estudar essas palavras e imagens, passou por corpus por corpus, por todos os corpora do Novo Testamento, resumindo seus ensinamentos sobre o que Jesus fez, e até fez mais livros sobre a expiação além disso. Acho que esqueci o nome daquele com Intervarsity, mas talvez seja chamado *The Atonement*.

De qualquer forma, Leon Morris fez uma contribuição significativa e convenceu estudiosos famosos como CEB Cranfield, cujo comentário magistral de dois volumes de Romanos para a grande série crítica, disse que Morris vence o debate sobre propiciação em Romanos 3:25, 26. Ele é convincente, e sobre CH Dodd, cujo nome

tenho ocasionalmente escorregado aqui, que argumentou naquele contexto, não, não significa propiciação. Essa é uma noção pagã importada para o Novo Testamento.

Em vez disso, significa expiação. Vou argumentar, de fato, que a morte de Jesus realiza tanto expiação quanto propiciação, mas no contexto de Romanos 3:25, 26, no contexto maior de Romanos 1-3, certamente fala de propiciação. Série magistral de GC Berkouwer, *Studies in Dogmatics*, fiquei triste por ter um representante da Erdmann em meu escritório alguns anos atrás me dizendo, oh, não somos mais tão loucos por esses livros.

Fiquei triste porque a série de Berkouwer era maravilhosa e tão forte em teologia histórica. Conheço alguns colegas estudantes que disseram, sim, mas eu não gosto. Ele não se decide.

Gosto disso por esse mesmo motivo. Você tem que tirar suas próprias conclusões, mas ele analisa a teologia histórica tão lindamente, e ele faz isso também para a expiação do livro, *The Work of Christ*, GC Berkouwer, o famoso teólogo holandês.

H. Dermot McDonald escreveu um livro que realmente me ajudou, e de fato, para a próxima palestra depois desta, *The Atonement of the Death of Christ* tem uma seção sobre os materiais bíblicos, e isso é bom, mas então ele tem um tratamento extenso, talvez algumas centenas de páginas, sobre a teologia histórica da expiação, e é excelente.

É tão útil. Ele forneceu as citações que eu precisava para fazer aquelas palestras brilharem, porque uma coisa é se eu te disser que Anselmo ensinou satisfação, e ele ensinou, mas é outra coisa quando você ouve suas próprias palavras. É tão lindo.

McDonald fez um ótimo trabalho nesse sentido. H. Dermot McDonald, um sólido cristão evangélico que, entre outros livros, também tem um livro gigantesco sobre a história do estudo da revelação de Deus, não o livro do Apocalipse, mas Deus se revelando, especialmente nos séculos XIX e XX, algo assim, simplesmente um estudioso maravilhoso nesse sentido. A obra-prima de John Stott é, pelo consenso que ouvi de diferentes amigos e estudiosos, *The Cross of Christ*, um livro maravilhoso.

Ele combina seus dois horizontes, seu estudo detalhado da Bíblia e sua abordagem do ensino da Bíblia no mundo moderno. O livro se torna uma apologia do tema da substituição penal das escrituras. Ele poderia superestimar isso? Sim, ele poderia, mas em uma época em que não apenas liberais, mas também conservadores estão atacando a substituição penal, eu me alegro com o livro e, novamente, a escrita e as ilustrações são simplesmente maravilhosas.

A Cruz de Cristo. Suponho que se eu tivesse alguém recomendando um livro para alguém, um leigo que quisesse aprender e se aprofundar nessas coisas, esse seria realmente um bom livro. Robert Lethem escreveu um livro na série Inner Varsity, *Contours of Christian Theology on the Work of Christ*, e é um livro extraordinário.

Robert Lethem retornou à sua Grã-Bretanha natal, eu quero dizer País de Gales, mas não tenho certeza, e ele agora ensina em uma escola lá. Por anos, ele pastoreou uma igreja em Delaware e deu cursos sobre a pessoa de Cristo e a obra de Cristo no Westminster Theological Seminary na Filadélfia. O trabalho de Bob Lethem é bom.

Recentemente ele publicou *The Systematic Theology*. É extraordinário. É solidamente ortodoxo e interage com o pensamento contemporâneo de uma forma que eu preciso, já que não interajo muito bem com o pensamento contemporâneo.

Ele volta para Calvino e antes dele para o pai da igreja Eusébio ao usar o tríplice ofício de Cristo, o profeta, sacerdote e rei. Isso caiu em desuso quando os liberais atacaram essa ideia, e isso foi uma vergonha porque deveríamos ouvir o que todos dizem, mas deveríamos ser governados pela Bíblia, então uma escritura novamente, e não reagindo tanto a ataques. Lethem trata Cristo como um profeta, sacerdote e rei.

Um perigo significativo nessa abordagem é que ela abrange muito do que a escritura diz sobre o que Jesus fez por nós, mas a obra salvadora de Cristo é tão monumental que estou novamente procurando adjetivos que não abrangem, o ofício triplo ou os três ofícios, não leva todos os dados em consideração. Então, o que ele faz? Ele organiza o livro junto com o profeta, o sacerdote e o rei, mas então ele tem capítulos adicionais, que é exatamente o que é necessário para tratar dessas áreas que não são subsumidas sob os três ofícios de Cristo. Falarei, sem vergonha, dos meus próprios dois livros a esse respeito.

Calvin and the Atonement é a segunda edição da minha dissertação, e logo de cara, direi que não é sobre expiação limitada. Todo mundo faz essa pergunta. Na verdade, acabei de mencionar Lethem, e não consigo evitar as pessoas.

Calvino ensinou expiação limitada? Bem, não, mas ele também não ensinou expiação ilimitada. Aqui está o que eu encontrei, e vou falar sobre o livro, mas aqui está o que eu encontrei. As pessoas leem em Calvino sua visão da extensão da expiação.

Então, muitas pessoas reformadas, muitos calvinistas de cinco pontos leem expiação limitada em, e você pode fazer isso. No entanto, aqueles que acreditam em expiação ilimitada leem isso em Calvino, e eles podem fazer isso também. Ele parece não ter sido muito cuidadoso, mas eu diria que redenção particular ou expiação particular é um desenvolvimento legítimo.

Toda teologia e todos os sistemas teológicos se desenvolvem. É um desenvolvimento legítimo do próprio pensamento de Calvino, mas concordo com Robert Lethem. Aparentemente, ele e eu somos os únicos dois no mundo que pensam assim; todo mundo está tomando partido e dizendo que parece ser um desenvolvimento posterior.

Seu sucessor, Theodore Beza, ensinou isso claramente, mas eu simplesmente não acho que é sobre isso que Calvino era. Sobre o que ele era? Ele era sobre essas imagens bíblicas da obra de Cristo. Eu tinha feito doutorado e feito cursos sobre Calvino luterano e Reforma Inglesa, entre outros, e se você me perguntasse o que Jesus fez para nos salvar, eu diria que ele fez o grande sacrifício pelos nossos pecados, e ele pagou a penalidade pelos nossos pecados, e ambos são verdadeiros.

Esses são temas bíblicos e verdades da obra de Cristo. Eles resumem de forma abrangente? Não, eles não resumem de forma abrangente o que ele fez, e aqui, sentado na aula de Lutero, aprendi sobre Christus Victor. Lutero se alegrou em apresentar Cristo da maneira que a Bíblia faz, derrotando nossos inimigos do pecado, da morte, da sepultura, dos demônios e do inferno.

Cristo é o vencedor, e então em Calvino eu vi ainda mais temas, então isso me fez começar nessa direção, o que culminou no meu livro, *Salvation Accomplished by the Son, the Work of Christ*, e esse livro tem duas seções principais, que são refletidas nessas palestras ou serão, se o Senhor quiser. Metade do livro trata dos nove eventos salvadores de Cristo, que eu já resumi em um breve compasso, e eu vou esperar até chegar a eles. Nós os faremos em mais detalhes, mostrando passagem após passagem em ambos os Testamentos e cada parte do Novo Testamento como Jesus, tudo desde sua encarnação, a segunda vinda, nos salva, nos salva, especialmente sua morte e ressurreição.

A segunda parte de *Salvation Accomplished by the Son* está nas imagens bíblicas. Os eventos não são autointerpretáveis, nem mesmo os eventos de Deus. Pessoas no antigo Oriente Próximo que ouviram sobre Yahweh libertando os israelitas da escravidão egípcia não diriam, oh, ele é o Deus vivo e verdadeiro; não há outro.

Não, eles não diriam isso. Eles provavelmente diriam algo como, uau, Yahweh é maior que os deuses do Egito, pelo menos naquela época ele era, ou algo assim. E eles realmente desistiriam de suas divindades assírias ou babilônicas? Não me entenda mal, eu acho que Yahweh era o único Deus verdadeiro e vivo, mas não, a visão de mundo deles não os levaria a tal conclusão.

É notável que alguns egípcios tenham saído com os israelitas. Você consegue imaginar abrir mão de toda a sua cultura, talvez da sua família? Isso é surpreendente para mim e mostra a grandeza dessa revelação. No entanto, os eventos não são

autointerpretados, e Deus deu a revelação da palavra junto com a revelação da ação do Êxodo.

Pense no cântico de Miriam, o cântico de Moisés, interpretando muitos dos Salmos. Meu Deus, o evento do Êxodo é celebrado por todo o Antigo Testamento. Deus dá palavras para interpretar seus feitos.

O exemplo supremo em minha mente de como a revelação de ações necessita da revelação de palavras para sua interpretação e inteligibilidade é a cruz. As pessoas ficaram aos pés da cruz de Jesus e a interpretaram mal. Ele salvou os outros. Que ele se salve.

Eles zombaram e escarneceram, ironicamente, em cumprimento às suas próprias escrituras. Eu entendo que um dos dois ladrões acreditou, e aparentemente, o centurião acreditou, mas Deus não estava apenas ativo na cruz e ressurreição de Jesus, mas ele também deu palavras para interpretar aqueles eventos importantes. E eu conto, há muitas imagens da morte e ressurreição de Cristo no Novo Testamento, mas as duas, mas as seis, desculpe-me, as mais abrangentes são redenção, ele é nosso redentor, reconciliação, ele é nosso pacificador, substituição penal.

Ele pagou a penalidade que nunca poderíamos pagar. O que eu chamo de nova criação do segundo Adão, ele supera onde Adão falhou e restaura o que Adão perdeu. Sacrifício e purificação é o quinto, e eu preciso de mais um.

Redenção, reconciliação, substituição penal. Oh, Cristo é o vencedor, é claro. Vitória, o motivo da vitória.

Cristo em sua morte e especialmente sua ressurreição. A Escritura atribui vitória à sua morte. João e sua ressurreição triunfam sobre seus inimigos e os nossos.

Esses são alguns livros-chave que me influenciaram e que recomendo a vocês. Sondagens bíblicas. À medida que trabalhamos nos eventos de Cristo, especialmente sua morte e ressurreição, e as imagens bíblicas que acabei de enumerar em detalhes, veremos passagem após passagem.

Ok, mas para a maioria dessas palestras, na verdade, mas há duas passagens tão notáveis e tão importantes que eu gostaria de pegar o que eu chamo de sondagens bíblicas, meio que julgando as profundezas das águas, se preferir, e elas são Romanos 3:25, 26, a grande passagem da propiciação. Mas antes de tudo, Isaías 53. Isaías 53 começa em Isaías 52.

Você sabe que as divisões de capítulos e versículos não são inspiradas. Se você quiser ver como elas surgiram, é um livro pequeno e delicioso. Beryl Smalley, o estudo da Bíblia na Idade Média, ou a criação da Bíblia na Idade Média, eu acho que é o estudo.

Beryl Smalley, em *The Study of the Bible in the Middle Ages*, conta como os escolásticos medievais em Paris lutaram entre si, e um deles venceu. E temos suas divisões de capítulos e versículos. Nem sempre a melhor divisão de capítulos e versículos.

E Isaías 52 realmente começa em 53, começa em 52:13. Havia quatro cânticos de servo, Isaías 42, 49, 50, e então este 52:13 a 53:12. E às vezes um servo é claramente Israel.

Aqui, o servo é um israelita que age em nome da nação, não apenas da nação, mas também dos povos das nações. De certa forma, sua obra tem um significado universal já revelado aqui no Antigo Testamento. Na verdade, o que me espanta nessa passagem é que ela é tão maravilhosa e poderosa.

Não conheço nenhuma passagem em nenhum dos testamentos, e eu nunca digo isso, eu quase nunca digo isso, que apresente uma imagem do Novo Testamento tão claramente quanto esta. Você não pode superar Isaías 53:4, 5 e 6 enquanto você abaixa sua cabeça e medita na Ceia do Senhor. É tão surpreendente.

Meu pastor, Van Lees, e eu recentemente fomos coautores de um livro chamado *Jesus in Prophecy, How the Life of Christ Fulfills Biblical Predictions*. E o pastor Van é muito melhor em ilustrações do que eu. Uma verdadeira ilustração de sua vida tem a ver com este capítulo.

Ele estava fazendo evangelismo de porta em porta, acho que esse era o contexto, e um homem disse a ele, eu recentemente, não sou mais um cristão; recentemente me tornei um judeu, então se você quiser falar comigo sobre o que você chama de evangelho, você pode ficar apenas no Antigo Testamento. Ele disse, ok, isso vai ser bom. Se você conhece o Dr. Lees, você sabe que isso foi bom.

Então ele lê estas palavras. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas tristezas. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões.

Ele foi esmagado por nossas iniquidades. Sobre ele estava o castigo que nos trouxe paz. E com suas feridas, fomos sarados.

O cara protestou, espera um minuto, eu disse que você não pode usar o Novo Testamento. E Van disse que eu não estou usando o Novo Testamento. E o cara, obviamente, ele sabia que a palavra falava de Jesus tão claramente que ele disse, bem, talvez seja melhor falarmos sobre isso outra hora.

Tenho mais coisas para pensar. Sim, acho que é uma boa ideia, meu amigo. Isaías 52:13 até o final de 53.

Eis que meu servo agirá sabiamente. Ele será alto e exaltado e será exaltado. Essas palavras são tão irônicas em termos do que se segue.

Como muitos ficaram atônitos diante de ti, sua aparência estava tão desfigurada além da semelhança humana e sua forma além daquela dos filhos da humanidade. Assim ele aspergirá muitas nações. Reis fecharão suas bocas por causa dele.

Pois o que não lhes foi dito, eles veem. E o que não ouviram, eles entendem. Quem creu no que ouviu de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor? Pois ele cresceu diante dele como uma planta nova e como uma raiz de uma terra seca.

Ele não tinha forma nem majestade para que olhássemos, nem beleza alguma para que o desejássemos. Era desprezado e rejeitado pelos homens, homem de dores e experimentado no sofrimento. Como alguém de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e nós o reputávamos como nada.

Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas dores. Contudo, nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões.

Ele foi esmagado por nossas iniquidades. Sobre ele estava o castigo que nos trouxe paz. E com suas feridas, fomos sarados.

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca. Como um cordeiro que é levado ao matadouro e como uma ovelha que diante de seus tosquiadores fica em silêncio, assim ele não abriu a boca. Pela opressão e pelo julgamento ele foi levado embora.

E quanto à sua geração, quem considerou que ele foi cortado da terra dos vivos, ferido pela transgressão do meu povo? E fizeram a sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte, embora ele não tivesse feito violência e não houvesse engano na sua boca. No entanto, foi da vontade do Senhor esmagá-lo. Ele o fez sofrer.

Quando sua alma fizer uma oferta pela culpa, ele verá sua descendência. Ele prolongará seus dias. A vontade do Senhor prosperará em sua mão.

Da angústia de sua alma, ele verá e ficará satisfeito. Pelo seu conhecimento o justo, meu servo, fará com que muitos sejam considerados justos, e ele levará as iniquidades deles. Portanto, eu lhe darei uma porção com os muitos, e ele dividirá o

despojo com os fortes, porque derramou sua alma até a morte e foi contado com os transgressores.

No entanto, ele levou o pecado de muitos e intercede pelos transgressores. É difícil fazer isso, mas se você fingir que nunca ouviu isso antes e ouviu pela primeira vez, qual é o tema principal? Muitos dos meus alunos ao longo dos anos diriam, oh, substituição, e não há dúvida de que esse é um tema principal, mas não acho que essa seria sua primeira resposta. Se você nunca ouviu falar disso, acho que ficaria triste com o tremendo sofrimento do servo.

Oh meu Deus, sua aparência estava tão estragada, 52:14, além da semelhança humana. É como um pai sendo chamado ao necrotério para identificar o corpo de uma criança. É irreconhecível.

É tão triste. É horrível. É horrível.

Sua forma foi desfigurada além daquela dos filhos da humanidade. O servo é abusado. O sofrimento é enorme.

Ele é desprezado e rejeitado pelos homens. Um homem de dores, familiarizado com o sofrimento, e alguém de quem os homens escondem seus rostos. Ele foi desprezado.

Não o estimamos. O pobre servo sofre sozinho. Todos nós quando sofremos, quão reconfortante é ter outros conosco que se importam.

Ele não tem ninguém. A segunda pergunta que eu gostaria de fazer é, e é uma pergunta capciosa, esse sofrimento é justo ou injusto? Bem, a primeira coisa que você diz é que é injusto. Quer dizer, meu Deus.

Versículo 8, por opressão e julgamento, ele foi levado embora. Isso é desagradável. E o versículo 9 diz, o chama, diz, ele não fez violência.

Não havia engano em sua boca. De quantas pessoas você pode dizer isso? Nenhuma. O servo parece estar sem pecado.

Na verdade, o versículo 11 o chama de meu servo justo ou a ESV traduz, o justo, meu servo. Então, o sofrimento é horrível. O servo é espancado, ou o que quer que seja feito a ele, então ele está além do reconhecimento.

E ele está esmagado. Ele tem feridas. Ele está oprimido e aflito.

E ainda assim ele é o servo justo que não pecou com violência ou em sua boca. As coisas são complicadas para nós, e devemos dizer que a punição é justa. Como você

pode dizer isso depois do que você acabou de dizer? Temos que dizer que é justo por causa do versículo 10.

No entanto, foi a vontade do Senhor esmagá-lo. Ele o fez sofrer. Espere um minuto.

Se Deus está punindo o servo, deve haver um senso de que é justo. Por que dizemos isso? Dizemos isso com base no caráter de Deus. A Bíblia não nos diz tudo o que gostaríamos de saber, mas nos dá resmas de informações sobre quem Deus é e o fato de que podemos confiar nele.

E isso é por design porque é isso que precisamos saber acima de tudo. Como juntamos essas coisas? Deixe-me dizer isso. Mesmo que não pudéssemos juntá-las, acho que deveríamos viver com a aparente injustiça do sofrimento e da justiça do servo.

Deve ser justo se Deus o fizer. Seguindo essas linhas, darei uma ilustração. Se tarde da noite, um carro parasse na nossa porta da frente e uma mulher estivesse dirigindo e me deixasse, e minha esposa estivesse parada na porta aberta, qual seria a resposta dela? Uma explicação viria de mim? Claro.

E seria de se esperar. Mas ela ficaria chateada ou com ciúmes? Não. Por quê? Estamos casados há 47 anos.

Aquela paciente mulher tem sido minha esposa. E vice-versa. Se um homem a deixasse tarde da noite, sim, eu estaria procurando por ela se algo inesperado acontecesse aqui.

Isso não foi planejado. E eu esperaria uma explicação, mas não duvidaria que minha esposa pudesse concordar. De forma semelhante, mesmo que não tivéssemos mais informações, confiaríamos em Deus em uma aparente anomalia.

Como essas coisas poderiam dar certo? Mas é claro que elas dão certo. A resolução dessa aparente justiça e injustiça simultaneamente é que não apenas a morte de um servo é voluntária, mas nos versículos 7 e 12b, 7, ele não abre a boca. Ele fica em silêncio.

Ele vai junto com esse julgamento. E então, no versículo 12, 12 no meio, ele derramou sua alma até a morte. O servo sofre de bom grado.

Veremos que esse é um tema significativo no Novo Testamento. Ninguém tira minha vida de mim, João 10. Eu a dou de minha própria vontade, disse Jesus.

Ainda mais importante, a simultaneidade de justiça e injustiça é resolvida pelo fato de que a morte do servo é substitutiva. Não há capítulo na Bíblia que ensine a

expição substitutiva tão fortemente quanto este. Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou as nossas tristezas, versículo 4. Ele foi traspassado pelas nossas transgressões.

Este deve ser o versículo mais carregado em toda a Bíblia sobre expiação substitutiva. Ele foi traspassado por nossas transgressões. Ele foi esmagado, é uma palavra forte, por nossas iniquidades.

Sobre ele estava o castigo que nos trouxe paz, e pelas suas feridas fomos sarados. Todos nós, como ovelhas, andávamos desgarrados. Cada um se desviava pelo seu caminho, e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Ele foi ferido pela transgressão do meu povo, fim do versículo 8, Isaías diz, pelos judeus. Ele carregou o pecado de muitos, fim do 12. A substituição está em toda essa maravilhosa canção do servo.

Outra coisa é bem notável à luz da revelação do Novo Testamento, ou eu entendi as coisas ao contrário. O Novo Testamento pega essa coisa incrível. Há tanto sangue neste capítulo novamente que eu começo este 53 em 52:13.

Há tanto sangue, sofrimento e penalidades duradouras que poderíamos perder o fato de que o sangue é cercado de glória. É tão notável, 52 13, meu servo agirá sabiamente. Ele será alto e exaltado e será exaltado.

Quase queremos dizer não, Senhor, ele será baixo, pisoteado e pisado. Não, mas é o que Deus diz, e termina de forma semelhante com uma linguagem diferente. Eu dividirei uma porção para ele com muitos.

Ele dividirá os despojados com os fortes. Ele é o vencedor, e ele está compartilhando os despojos. Esta é de fato a fonte, digamos, da imagem do Filho do Homem sendo levantado no Evangelho de João.

No capítulo 12, João diz, com um comentário editorial, que Jesus tinha acabado de falar sobre ser levantado. Com isso, ele indicou a maneira de morrer, crucificação. Ah, mas tem um duplo significado em João.

Ele está brincando com seus leitores. O pior que os inimigos de Jesus poderiam fazer é colocá-lo numa cruz, mas isso apenas o enviou de volta ao Pai. Assim, a glória e o sofrimento estão interligados neste capítulo.

O sofrimento é cercado pela glória e, de fato, o próprio capítulo mais do que sugere a ressurreição de Jesus. John Oswalt, um estudioso do Antigo Testamento justamente famoso que fez meus dois famosos volumes de comentários sobre Isaías, foi escrito

por um estudioso armênio do Antigo Testamento. Por que você diz isso? Porque ele acerta.

Ele ama Isaías. Ele exalta a glória e a grandeza de Isaías. Não, eu não concordo com toda expressão de liberdade libertária da vontade que ele pode dar naquele livro, mas é lindo.

É o trabalho de uma vida, e ele corretamente diz que, embora o capítulo se concentre na morte de Jesus, no versículo 10, temos a linguagem da ressurreição. Foi a vontade do Senhor esmagá-lo. Aí está aquela palavra forte novamente para fazê-lo sofrer.

Quando sua alma faz uma oferta pelo pecado, oferta pela culpa, Jesus morreu como uma oferta pela culpa, como um sacrifício. Ele verá sua descendência. Ele prolongará seus dias.

A vontade do Senhor prosperará em sua mão. No meio da apresentação do servo sofredor, Isaías dá a linguagem que é finalmente cumprida na ressurreição e exaltação do Filho de Deus. É bom para nós fazermos uma pausa, e em nossa próxima palestra, entrarei em mais detalhes no que diz respeito à maravilha e à bênção de Isaías 53.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Obra Salvadora de Cristo. Esta é a sessão número dois, Introdução, Parte Dois, Método Teológico, Livros-Chave, Sondagens Bíblicas, Isaías 53.